



## ADOLESCÊNCIA, DROGAS E RELACIONAMENTO PARENTAL: ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO

BENINCASA, Miria<sup>1</sup>; TANIZAKA, Hugo<sup>2</sup>; FRUGOLI, Rosa<sup>3</sup>; FURQUIM, Giovana Tomé<sup>4</sup>;  
SEZEFREDO, Carolina<sup>5</sup>.

### RESUMO

Este estudo traça um panorama comparativo entre o uso de substâncias e o relacionamento parental, que de maneira geral, os dados revelam uma complexa influência dos nichos de socialização e dos hábitos na manifestação do uso abusivo de drogas, durante o período da adolescência. Enquanto resultados, são apontados dados quantitativos promovendo reflexões para a comunidade científica sobre novas formas de prevenção do uso de substâncias na adolescência. Este estudo é um recorte da pesquisa de doutorado intitulada “Avaliação da qualidade de vida e uso de drogas entre adolescentes”.

**Palavras-chaves:** Adolescentes, Drogas, Promoção de Saúde E Relações Familiares.

### ABSTRACT

This study provides a comparative panorama between substance use and parental relationships. In general, the data reveal a complex influence of socialization niches and habits in the manifestation of drug abuse during adolescence. As results, quantitative data are pointed out promoting reflections for the scientific community on new ways of preventing substance use in adolescence. This study is an excerpt from the doctoral research entitled “Evaluation of quality of life and drug use among adolescents”.

**Keywords:** Adolescents, Drugs, Health Promotion and Family Relationships.

<sup>1</sup> Universidade Metodista do Estado de São Paulo/Universidade de Taubaté, NEPAG.

<sup>2</sup> Univeritas – UNG – Guarulhos/SP – Brasil. E-mail para contato: [hugotanizaka@outlook.com](mailto:hugotanizaka@outlook.com).

<sup>3</sup> Universidade Metodista do Estado de São Paulo/Universidade de Taubaté, NEPAG.

<sup>4</sup> Universidade Metodista do Estado de São Paulo/Universidade de Taubaté, NEPAG.

<sup>5</sup> Univeritas – UNG – Guarulhos/SP – Brasil.



## **1. INTRODUÇÃO**

A lei brasileira define como proibida a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos (Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996), por outro lado, a prática do consumo é comum até mesmo em ambientes domiciliares, em situações de lazer ou em ambientes públicos (CONCEIÇÃO, et al, 2018). A adolescência torna-se parte do grupo populacional preocupante em relação ao uso abusivo de substâncias devido a diversos traços que estão presentes na própria adolescência -expressada pelo imediatismo, flutuações de humor, agressividade entre outros traços-, além da marcante influência social frente ao uso de substâncias químicas, tornando a fase da adolescência mais susceptível a comportamentos de risco, incluindo o uso/abuso de narcóticos (ALMEIDA; CAMPOS, 2017).

A construção coletiva do uso de maneira precoce de drogas lícitas, esteve presente em propagandas de tabagismo por exemplo, em que o público alvo eram os adolescentes, por serem fáceis de serem influenciados, além da eficácia do estabelecimento das marcas e dos hábitos neste público, em que tal incentivo esteve presente até seu banimento nos anos 2000. Tal conduta denota uma composição estrutural do uso de substâncias químicas, naturalizando o vício ocupando espaço em muitas realidades ao redor do mundo (CAVALCANTE, 2005).

Tal cenário percorre pela saúde pública que, no tocante às drogas, de acordo com o relatório da United Nations Office on Drugs and Crime (2016), no ano de 2014, aproximadamente 207.400 pessoas entraram em óbito em decorrência ao uso abusivo de algum narcótico. Neste mesmo estudo foi apontado que cerca de 29 milhões de pessoas ao redor do mundo são diagnosticadas com algum transtorno relacionados ao uso de narcóticos, considerando que apenas uma em cada seis está em atendimento, tornam-se dados que só evidenciam a necessidade de estudar formas de prevenção e promoção de saúde eficazes no período da adolescência.

Com a finalidade de padronizar o termo usado deste tema nas pesquisas e discussões, a Organização Mundial da Saúde passou a recomendar para estes casos, o uso da seguinte terminologia: Mortes relacionadas ao abuso de drogas (WORLD HEALTH ORGANIZATION,

2002). Embora o tema seja complexo devido a diversos fatores que se entrelaçam no em diversos nichos sociais e desenvolvimentistas dos adolescentes, ainda assim devem ser investigados devido a influência positiva e/ou negativa na vida dos jovens que, conseqüentemente, atinge campos a níveis de desenvolvimento biopsicossocial da população, interferindo diretamente no estado da saúde pública do Brasil (GOSTA, et al., 2017).

A família é considerada uma referência fundamental na vida dos adolescentes referente a saúde mental, abarcando vivências positivas e negativas de pertencimento, afeto, solidão, sofrimento e demais emoções que corroboram o desenvolvimento tornando importante o estudo da família como fator de risco e proteção à dependência química (CAVAGGIONI, et al., 2017).

A presente pesquisa preza a exploração dos aspectos que a utilização de narcóticos atua nas relações parentais, além de realizar um panorama da influência da saúde mental na utilização das substâncias químicas em adolescentes brasileiros, a partir de um recorte de uma pesquisa realizada no município de São Paulo em diversas escolas públicas e privadas.

## **1.1 Materiais e Métodos**

Foram selecionados 2434 estudantes em 22 escolas (Públicas e Privadas) no município de São Paulo. Em cada escola foram sorteadas três salas, uma de cada ano (série) do Ensino Médio. Este período de estudo se refere a última etapa da educação básica no país que tem a duração média de três anos e antecede o ingresso ao ensino superior. Foi realizado um encontro com cada sala para a coleta do material. A amostra (Tabela 1) foi composta de jovens de 14 a 22 anos, com maior frequência entre 15 e 18 anos e a distribuição entre gêneros e séries foi equivalente, assim como a distribuição entre os anos.

**Tabela 1** – Caracterização da amostra:

Idade	14 anos	5,4%
	15 anos	20,7%
	16 anos	29,4%
	17 anos	31,0%
	18 anos	10,4%
	19 anos	2,2%
	20 anos	0,5%
	21 anos	0,2%
	22 anos	0,1%
Gênero	Masculino	46,2%
	Feminino	53,8%

Série	1 <sup>a</sup>	35,1%
	2 <sup>a</sup>	31,4%
	3 <sup>a</sup>	33,5%

Os instrumentos utilizados foram um questionário de identificação e o questionário sobre uso de drogas. No primeiro, foram solicitados os seguintes dados: Nome, idade, sexo, série, duas questões propostas pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2015) para classificação econômica no Brasil e informações gerais de saúde. O segundo foi proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e desenvolvido pela World Health Organization (WHO) – Research and Reporting Project on the Epidemiology of Drug Dependence, adaptado, no Brasil por Carlini (et al., 2000). Neste existem questões sobre religião e sua prática.

O presente estudo é um recorte de uma pesquisa de doutorado intitulada “Avaliação da qualidade de vida e uso de drogas entre adolescentes” que obteve financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (protocolo no 1807/CEPH- IP/23/04/07) e os estudantes, bem como um responsável assinaram termo de consentimento. Nas análises estatísticas foram realizados cálculos de porcentagem de usuários ou não usuários e o relacionamento com a mãe e com o pai, respectivamente. Optou-se por essa análise de dados para facilitar a discussão com autores nacionais e internacionais que, usualmente, apresentam seus resultados dessa forma.

## **2. DEPENDÊNCIA QUÍMICA NO CONTEXTO BIOPSIKOSSOCIAL**

Embora, o uso do tabaco apresente nos últimos anos, uma queda vertiginosa em vários lugares do mundo, sobretudo em territórios que apresentam campanhas antifumo, no Brasil, verifica-se por meio dos resultados do inquérito nacional, a redução do consumo anual per capita. No país, entre os anos de 1980 e 2004 a droga que mantém um consumo excessivamente alto ainda é o álcool (CAVALCANTE, 2005). Dessa forma, o álcool é uma das substâncias psicoativas mais precocemente consumidas pelos adolescentes. Além de ser uma droga de fácil acesso, há o incentivo do consumo pela mídia, refletindo em seu uso precoce, indiscriminado e disseminado.

Nas últimas décadas, é comum o adolescente iniciar suas experiências de consumo de drogas por meio das lícitas em ambientes familiares em que esta prática é permitida, sobretudo

o uso de álcool (GUIMARÃES, et al., 2017). Fonseca (2002), ao se deparar com índice de consumo de álcool superior a 65%, entre os estudantes, discorre que tal droga, apesar de ter seu consumo legalizado e incentivado pelo meio comum, seu uso abusivo provoca alterações comportamentais perigosas para o meio social provocando alterações no raciocínio, na visão, na fala, e na coordenação motora.

Os adolescentes acreditam que o ato do consumo da bebida alcoólica não significa ingerir uma droga. Apontam ainda, que a negação do álcool como droga, contribui para o estímulo e incentivo ao uso e abuso da substância, não somente durante a adolescência, como em outras faixas de idade. O álcool, embora seja uma droga consumida legalmente, representa atualmente um sério e grave problema de saúde pública, em que seu uso exagerado em diversas faixas etárias, pode promover consequências danosas, tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade, associando-se a todo tipo de violência – incluindo a violência doméstica-, aos acidentes automobilísticos, à prática sexual desprotegida, entre outros (BENINCASA; REZENDE, 2006; PASUCH; OLIVEIRA, 2014).

O uso abusivo de álcool expõe as pessoas a maiores índices de agressões afirmam Miotto et al. (2015), principalmente a realizada contra as mulheres e crianças no âmbito doméstico. Os padrões e a frequência de consumo dos tipos de drogas, sua prática vinculada a religião, atividade física, ao comportamento no trânsito, às condutas violentas e o relacionamento familiar são alguns dos tópicos que vêm sendo cada vez mais estudados sobre consumo de droga. Os estudos sobre fatores de risco e de proteção a respeito da epidemiologia do consumo de drogas mostram que a família, os amigos, a religião e a prática de esportes, entre outros, influenciam na condição de uso, dependendo de como se apresentam na vida de cada indivíduo. Guimarães et al. (2017) apontam que, dentre os inúmeros fatores de risco para a dependência química, a família, ou mais precisamente as atitudes dos pais para com os filhos, cujo objetivo seria educá-los, têm-se demonstrado como aspecto passível de intervenção aos problemas de uso abusivo de drogas, principalmente ao ser considerada na prevenção.

Dessa forma, é importante analisar o sistema familiar, visando à compreensão dos fenômenos que ocorrem neste meio, buscando entender de que forma a família pode assumir o papel de protetora ou de facilitadora dos comportamentos de risco dos filhos (GOMES; SILVA; TANIZAKA; SILVA, 2020), inclusive ao uso, abuso e, até mesmo, uma possível dependência.

A maior parte das informações brasileiras sobre o envolvimento de adolescentes com as drogas de acordo com Ribeiro et al. (2018), provém de estudantes que frequentam escolas públicas, em função da tendência das autoridades estatais que oferecerem estes espaços para

este tipo de pesquisa. Pode-se perceber a construção histórica da resistência dos estabelecimentos privados de ensino, em autorizar atividades de investigação entre seus estudantes. Essa realidade acaba por fornecer uma visão parcial da condição dos jovens estudantes em relação às drogas, na qual a classe média e a alta não aparecem representadas.

Considerando a necessidade e a relevância de se investigar o uso de drogas por adolescentes que fazem parte da rede de ensino privada e pública, o objetivo deste estudo foi avaliar o consumo de álcool e tabaco entre adolescentes estudantes do Ensino Médio do município de São Paulo, investigando quantitativamente a relação entre o uso destas substâncias e o relacionamento com os pais.

## 2.2 Resultados

Abaixo serão apresentados os resultados de como os adolescentes deste estudo declararam seu relacionamento com a mãe (Tabelas 2 e 3) e com o pai (Tabelas 4 e 5). Nas quatro tabelas, a qualidade relatada destes relacionamentos está disposta na primeira coluna da seguinte forma: não tenho mãe (pai), bom, regular, ruim e não tenho contato com a minha mãe (meu pai). As respostas dadas a estes relacionamentos, foram correlacionadas ao consumo de álcool e tabaco, que foram as duas (entre sete avaliadas) drogas mais consumidas pela amostra (BENINCASA; CUSTÓDIO, 2010) em todas as frequências de uso (“uso na vida”, “uso no ano”, “uso frequente” e “uso pesado”).

**Tabela 2** - Distribuição percentual do uso de álcool e tabaco “na vida” e “no ano” por Relacionamento com a mãe:

Relacionamento com a mãe	Uso na Vida				Uso no Ano			
	Álcool		Tabaco		Álcool		Tabaco	
	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim
Não tem mãe	7	45	29	23	13	38	40	11
	13,5%	86,5%	55,8%	44,2%	25,5%	74,5%	78,4%	21,6%
Bom	304	1688	1293	703	486	1469	1550	439
	15,3%	84,7%	64,8%	35,2%	24,9%	75,1%	77,9%	22,1%
Regular	30	184	103	111	45	165	132	79
	14,0%	86,0%	48,1%	51,9%	21,4%	78,6%	62,6%	37,4%
Ruim	2	32	12	22	3	30	19	15

	5,9%	94,1%	35,3%	64,7%	9,1%	90,9%	55,9%	44,1%
Não tem contato	2	29	20	11	4	25	21	9
	6,5%	93,5%	64,5%	35,5%	13,8%	86,2%	70,0%	30,0%

**Tabela 3** - Distribuição percentual do uso de álcool e tabaco “frequente” e “pesado” por Relacionamento com a mãe:

Relacionamento com a mãe	Uso Frequente				Uso Pesado			
	Álcool		Tabaco		Álcool		Tabaco	
	não	sim	Não	sim	não	Sim	não	Sim
Não tem mãe	18	18	43	9	18	15	43	1
	50,0%	50,0%	82,7%	17,3%	54,5%	45,5%	97,7%	2,3%
Bom	881	589	1788	184	881	505	1788	17
	59,9%	40,1%	90,7%	9,3%	63,6%	36,4%	99,1%	0,9%
Regular	80	65	176	33	80	65	176	5
	55,2%	44,8%	84,2%	15,8%	55,2%	44,8%	97,2%	2,8%
Ruim	10	10	26	8	10	14	26	3
	50,0%	50,0%	76,5%	23,5%	41,7%	58,3%	89,7%	10,3%
Não tem contato	13	8	25	6	13	9	25	1
	61,9%	38,1%	80,6%	19,4%	59,1%	40,9%	96,2%	3,8%

Quanto ao uso de álcool, diante da comparação de todas as frequências de uso (Tabelas 2 e 3), os que declaram ter um relacionamento ruim com a mãe estão entre os que mais consumiram tal substância, e aqueles que não têm mãe apresentaram o mesmo percentual de consumo. Por outro lado, aqueles que declararam ter um bom relacionamento com a mãe sempre estiveram entre os que menos consumiram, ocupando a primeira posição ou a segunda.

Os resultados deste estudo, portanto, possibilitaram o surgimento de três hipóteses: os que possuem um bom relacionamento com a mãe, tendem a usar menos álcool; os que possuem um relacionamento ruim com a mãe, tendem a usar mais álcool e; os que não têm contato com a mãe, usam menos álcool do que aqueles que não têm mãe, que tem um relacionamento ruim com a mãe ou tem um relacionamento regular com a mãe.

No uso de tabaco (Tabelas 2 e 3), assim como se verifica no uso de álcool, os que consideram seu relacionamento com a sua mãe ruim lideraram o consumo em todas as frequências de uso. Os que afirmam ter um bom relacionamento com a mãe, contudo,

permaneceram sempre entre os que menos consumiram, exceto no item relativo ao uso no ano, em que aqueles que declararam não ter mãe assumiram a primeira posição.

Os que mantêm um relacionamento regular com a mãe ficaram em segundo lugar de maior consumo nas duas primeiras frequências de uso e passaram a estar entre os que menos consumiram nas duas últimas: “uso freqüente” e “uso pesado”.

Os que não têm contato com a mãe estiveram entre os que menos fizeram “uso na vida”, porém, ficaram em segundo lugar entre os que mais consumiram frequentemente e pesadamente. Os estudantes que relataram bom relacionamento com a mãe (Tabelas 2 e 3) foram os que menos consumiram tanto álcool quanto tabaco na frequência “uso na vida” e ficaram em segundo lugar como menores consumidores no “uso no ano” de álcool.

Aqueles estudantes que relataram um relacionamento ruim com a mãe foram os líderes na maior experimentação de todas as drogas estudadas.

**Tabela 4** - Distribuição percentual do uso de álcool e tabaco “na vida” e “no ano” por Relacionamento com o pai:

Relacionamento com a mãe	Uso na Vida				Uso no Ano			
	Álcool		Tabaco		Álcool		Tabaco	
	Não	sim	não	Sim	Não	Sim	Não	sim
Não tem mãe	31	131	103	58	51	106	124	36
	19,1%	80,9%	64%	36%	32,5%	67,5%	77,5%	22,5%
Bom	248	1310	1035	527	376	1155	1215	339
	15,9%	84,1%	66,3%	33,7%	24,6%	75,4%	78,2%	21,6%
Regular	43	326	200	169	81	282	264	103
	11,7%	88,3%	54,2%	45,8%	22,3%	77,7%	71,9%	28,1%
Ruim	10	97	43	65	15	90	64	44
	9,3%	90,7%	39,8%	60,2%	14,3%	85,7%	59,3%	40,7%
Não tem contato	13	120	79	54	29	99	100	33
	9,8%	90,2%	59,4%	40,1%	22,7%	77,3%	75,2%	24,8%

**Tabela 5** - Distribuição percentual do uso de álcool e tabaco “frequente” e “pesado” por Relacionamento com o pai:

Relacionamento com a mãe	Uso Frequente				Uso pesado			
	Álcool		Tabaco		Álcool		Tabaco	
	não	sim	não	Sim	Não	Sim	Não	sim
Não tem mãe	75	54	145	14	75	31	145	0
	58,1%	41,9%	91,2%	8,8%	70,8%	29,2%	100%	0,0%
Bom	672	455	1405	138	672	410	1405	11
	59,6%	40,4%	91,1%	8,9%	62,1%	37,9%	99,2%	0,8%
Regular	154	113	310	54	154	101	310	6
	57,7%	42,3%	85,2%	14,8%	60,4%	39,6%	98,1%	1,9%
Ruim	42	35	88	18	42	31	88	6
	54,5%	45,5%	83%	60,2%	57,5%	42,5%	93,6%	6,4%
Não tem contato	62	36	115	16	62	35	115	4
	63,3%	36,7%	87,8%	12,2%	63,9%	36,1%	96,6%	3,4%

Os resultados obtidos na análise do relacionamento dos estudantes com o pai (Tabelas 4 e 5) foram diferentes dos obtidos no relacionamento com a mãe. Com a mãe, parece que a interferência no consumo de drogas tende a ser mais linear, ou seja, todos os estudantes que declararam ter bom relacionamento com a mãe estiveram entre os que menos consumiram todas as substâncias em todas as frequências de uso.

O mesmo não aconteceu com os dados relativos ao relacionamento com o pai. Embora essa tendência tenha sido identificada (dos que se relacionam bem com o pai usarem menos droga) isso não se apresenta de forma tão contundente quanto com a mãe. O que se assemelha, nas duas análises é que houve maior tendência ao consumo de todas as drogas em todas as frequências de uso entre aqueles que afirmam ter um relacionamento ruim com ambas figuras.

### 3. DISCUSSÃO

A partir dos resultados apresentados, pode-se levantar a hipótese de que, embora o bom relacionamento com os pais não seja garantia de que o adolescente não usará ou abusará de alguma droga, o relacionamento ruim está diretamente relacionado ao consumo em todas as

frequências de uso. Vários estudos nacionais e internacionais apontam essa interferência familiar e, principalmente dos pais, no abuso e dependência de drogas (GALHARDI; MATSUKARA, 2018; GUIMARÃES, et al., 2017).

Para Lebensohn-Chialvo et al. (2018), estes verificaram a importância do ambiente familiar como fator de risco e de proteção para o uso abusivo de drogas e de álcool. Os autores acrescentam que o clima familiar e a presença ou não de violência são aspectos importantes para usar alguma droga ou rejeitá-la. Moura et al. (2016), confirmando o exposto acima, destacam que uma convivência familiar saudável e uma relação próxima entre pais e filhos favorecem a rejeição ao uso de droga, bem como à recuperação mais eficaz caso algum membro da família se envolva com drogas. Os resultados deste estudo confirmam os achados da literatura, pois revelam menor experimentação entre aqueles que declaram bom relacionamento, principalmente com a mãe.

As famílias podem ser tanto protetoras a ponto de gerar indivíduos resilientes quanto incentivadora da delinquência e marginalidade afirmam os autores Jimenez et al. (2016). Esta pesquisa mostrou maior tendência ao consumo destas drogas, principalmente de álcool, entre aqueles que relatam relacionamento ruim com os pais e, por outro lado, redução de experimentação entre os que indicam bom relacionamento.

Os autores Poletto e Koller (2008) ao considerarem a família como o grupo social básico da pessoa, cuja função e estrutura são determinantes em seu desenvolvimento afirmam a relevância da família como fator de força “As relações entre pais e filhos, por exemplo, são caracterizadas por uma enorme complexidade, sendo, então, indispensável a promoção, por parte dos cuidadores, de um ambiente incentivador, protetivo e seguro, no qual as pessoas possam aprender e se desenvolver” (p. 412).

Vários autores reafirmam esta posição da família (BENINCASA; REZENDE, 2006; FISH, et al., 2015) e reasseguram que esta pode se destacar tanto como co-autora do abuso de droga como a instituição que protege a saúde de seus membros, visto que é o elo com as diversas esferas da sociedade. Moura et al. (2016) ainda acrescentam que os usuários de drogas de seu estudo ressaltaram mais pontos negativos do relacionamento com os pais (como por exemplo, falta de amor, de companheirismo, de amizade, entre outros) do que os adolescentes do grupo de não usuários. Os apontamentos do presente estudo também indicaram redução da qualidade do relacionamento com o pai, quando comparado com a mãe.

A adversidade familiar precede o aparecimento do uso/abuso/dependência de substâncias e que os conflitos familiares frequentes na primeira infância aumentam a chance de

abuso de substâncias de acordo com Ribeiro et al. (2018), bem como a associação a colegas delinquentes no período da adolescência. Neste estudo verificou-se que, realmente, a experimentação tanto do álcool como do tabaco tende a ser mais precoce e mais intensa entre aqueles que relatam relacionamento ruim ou não ter contato, principalmente com a mãe.

Os autores Jimenez et al. (2016) já acrescentam que as condições afetivas e conflitivas de um ambiente familiar podem conter características que propiciem a produção de estados emocionais altamente ansiógenos e estressantes na criança e no adolescente. Estes estados emocionais podem favorecer o uso de drogas. A natureza, a qualidade e a quantidade dos efeitos (positivos ou negativos) existentes nos conflitos familiares dependerão de variáveis altamente complexas: natureza, qualidade e duração do vínculo entre os pais, e com cada um dos pais, e as mudanças afetivas e relacionais que estes conflitos podem gerar.

Sabe-se também que dependendo do manejo familiar, das formas de se relacionar com os conflitos e da quantidade de afeto, a família pode contribuir como fator de risco e de prevenção ao uso de drogas. Schenker e Minayo, (2004) refletem que adolescentes oriundos de famílias consideradas estruturadas e com bom relacionamento tanto entre os pais como entre pais e filhos, tendem a usar menos substâncias psicoativas do que os provenientes de famílias desestruturadas e com relacionamentos difíceis. Apontam também que a instabilidade emocional dos adolescentes, característica da idade, é intensificada por meio de um ambiente conflitivo e com brigas conjugais, deixando-os mais vulneráveis para o consumo de drogas.

Já os autores Soldera et al. (2004), em sua pesquisa com adolescentes, encontraram menor uso de drogas em estudantes que se sentiam apoiados e compreendidos pela família e, neste estudo, o resultado é semelhante. Ainda avaliando o grau de proteção envolvido no apoio que os pais dão aos filhos, encontrou como resultado que aquele que se sentia pouco apoiado pela família tinha 1,2 vezes mais chance de se tornar dependente do que aquele que se sentia muito apoiado pela família. Este resultado se aproxima consideravelmente dos achados desta pesquisa (SOLDERA, et al.,2004).

Ainda sobre a situação familiar, os autores Pechansky et al. (2004) indicam que a presença apenas da mãe no domicílio do adolescente estava associada a um aumento de 22 vezes na chance deste ser dependente de substâncias psicoativas, quando comparado com adolescentes que viviam com pai e mãe. Os resultados do presente estudo são divergentes, mostrando que o relacionamento com o pai tende a ter menor interferência na experimentação quando comparado à relação com a mãe. Os autores, acrescentam que seus estudos apontaram

que uma bagagem com traumas familiares, separações, brigas e agressões estavam diretamente associadas aos adolescentes com maior intensidade de dependência.

O papel dos pais e do contexto familiar é importante no desenvolvimento do adolescente e, inclusive, na sua relação com álcool e drogas. A falta de suporte dos pais, uso de drogas pelos pais, atitudes permissivas dos pais perante o uso de drogas dos filhos, incapacidade de controlar os filhos e indisciplina são fatores que predispõe tanto à iniciação quanto à manutenção do uso de drogas por parte dos adolescentes.

Foi apontado pelos autores Schenker e Minayo (2004) que a maioria dos estudos envolvendo família e uso de substâncias por adolescentes contribuem para a compreensão de como a família está diretamente implicada no desenvolvimento saudável ou não de seus membros. Isso ocorre porque a família se constitui no enlace de seus integrantes às diversas esferas da sociedade.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os adolescentes deste estudo não foram questionados sobre o que consideram “bom relacionamento” ou “mau relacionamento” com os pais. As respostas eram de múltipla escolha e o julgamento da qualidade do relacionamento era individual e as análises foram, exclusivamente, quantitativas, ou seja, considerações acerca da percepção destes relacionamentos constituem base para novos estudos qualitativos.

Os resultados deste estudo mostram que, independentemente do modelo de intervenção (prevenção, tratamento, promoção de saúde etc.) a ser adotado, ao considerar o adolescente, é imprescindível a inserção da família, principalmente os pais no contexto. Com um olhar atento os atuais programas de tratamento, podemos verificar que estes, sistematicamente, têm se envolvido em treinamentos de habilidade nas relações familiares. Estes programas demonstram que a prevenção familiar ao consumo de drogas pode melhorar significativamente a conduta dos pais, dos filhos, bem como o funcionamento familiar como um todo.

Ao refletir sobre a dinâmica familiar e intervir nestas relações, segundo o autor, vem se percebendo melhoras na comunicação e na organização familiar, nos conflitos familiares, nas relações entre pais e filhos e na transmissão de normas. Em Psicologia sabemos que independentemente dos microsistemas nos quais as pessoas estejam ou vivam (família, instituição ou escola), o seu desenvolvimento psicológico saudável depende principalmente da existência de interações entre pessoas. Porém, estas interações precisam ter um saldo maior de

sentimentos afetivos positivos, de reciprocidade e de equilíbrio de poder. Sabemos também que relações abusivas ou negligentes, baseadas em estereótipos e/ou concepções idealizadas, tendem a ser encontradas na maioria das instituições educativas, ou seja, na família e na escola.

Os estudos, de maneira geral, revelam uma complexa influência da família, do grupo de amigos, da escola e dos hábitos na manifestação do uso abusivo de drogas, durante o período da adolescência. Percebe-se, com isso, que a questão das drogas invade múltiplos contextos que, conforme bem apontam os autores dos estudos apresentados, têm de ser envolvidos na abordagem do jovem e com as particularidades destes indivíduos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. C., CAMPOS, J. A. D. B. Consumo de álcool por adolescentes. **Revista Uningá**, Maringá, 2009. Disponível em: <http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/802>.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. **Critério de Classificação Econômica Brasil 2015**. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.abep.org/codigos-e-guias-da-abep>.

BENINCASA, M. &, REZENDE, M.M. Percepção de Fatores de Risco para acidentes de trânsito entre adolescentes. **Boletim de Psicologia**, VI, 240-250. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432006000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000200008).

CARLINI C., et al. Comportamentos de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 34, n. 6, p. 636-645, dez. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-910200000600012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-910200000600012&lng=pt&nrm=iso).

CAVALCANTE, T. M. O controle do tabagismo no Brasil: avanços e desafios. **Rev. psiquiatr. clin.** São Paulo, v. 32, n. 5, p. 283-300, outubro de 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832005000500006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832005000500006&lng=en&nrm=iso).

CAVAGGIONI, A. P. M. et al. **O Tratamento Familiar em Casos de Dependência de Drogas no Brasil**: Revisão de Literatura. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MUD/article/view/7148>.

CONCEICAO, S. C. et al. Atendimentos de crianças e adolescentes com transtornos por uso de substâncias psicoativas nos Centros de Atenção Psicossocial no Brasil, 2008-2012. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 27, n. 2, 2017206, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-96222018000200300&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222018000200300&lng=en&nrm=iso).

PASUCH, C., OLIVEIRA, M.S. Levantamento sobre o uso de drogas por estudantes do ensino médio: Uma revisão sistemática. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCAR**. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/cto.2014.043>.

FISH, J.N., et al. (2015). **Substance abuse treatment response in a Latino sample: the influence of family conflict**. DOI: 10.1016/j.jsat.2014.07.011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0740547214001482>.

FONSECA, M.S. Aquisição de drogas: um estudo entre estudantes brasileiros. **PsicoUSF**, Itatiba, v. 7, n. 2, p. 153-162, dez. 2002. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712002000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712002000200004&lng=pt&nrm=iso).

GOSTA, G. M., et al. (2017). O uso de álcool entre estudantes adolescentes. **Revista EDaPECI São Cristóvão (SE)**, v17 n.1 234-250. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n50/05.pdf>.

GOMES, M. B., et al. Raciocínio Verbal, Classe Econômica e Uso de Drogas em Adolescentes Matriculados no Ensino Médio: Um Estudo Quantitativo. In A. O. Lima; T. A. Andrade e U. C. Cunha. (Orgs.) **Juventudes: Pesquisas e Campos de Atuação**. pp.19-36. Curitiba: CRV, 2020.

GUIMARÃES, A. B. P., et al. (2017). Espaço para Saúde – **Revista de Saúde pública do Paraná**, Londrina 18 (2) ,70-76. Doi:10.5433/15177130- 2017v18n2p70.

GALHARDI, C.C. & MATSUKARA, T.S. (2018). O Cotidiano de adolescentes em um Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas: realidades e desafios. **Cadernos de Saúde Pública**. 34 (3). <https://doi.org/10.1590/0102-311X00150816>.

JIMÉNEZ, L. M. A., E., et al. (2016). Uso de drogas e ato infracional: Revisão integrativa de artigos brasileiros. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud, 14 (2), pp. 939-955. Doi:10.11600/1692715x.14204170715.

LEBENSOHN C., et al. (2018). **Fidelity Failures in Brief Strategic Family Therapy for Adolescent Drug Abuse: A Clinical Analysis**. DOI: 10.1111/famp.12366.

MIOTO, R.C.T., et al. (2015). A Relevância da Família no Atual Contexto das Políticas Públicas Brasileiras: A Política de Assistência Social e a Política Antidrogas. **Revista de Políticas Públicas**. (11), 2, 197-220. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3821/1950>.

MOURA, N. A., et al. (2016). Adolescentes usuários de drogas (i)lícitas e práticas de violência. Revista de enfermagem, **Journal of Nurse**, UFPE on line.,1685-93. Doi: 10.5205/reuol.9003-78704-1-SM.1005201614.

PECHANZKY, F., et al. (2004). Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. **Rev. Bras. Psiquiatr.** 2004, vol.26, suppl.1, pp.14-17. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462004000500005>.

POLETTO, M., KOLLER (2008). Ecological contexts: furthering resilience, risk and protection factors. **Estudos psicológicos**, 25 (3), 405-416. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2008000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000300009).

PRATTA, E. M. M., SANTOS, M. M. (2007). Opiniões dos adolescentes do ensino médio sobre o relacionamento familiar e seus planos para o futuro. **Paidéia**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/paideia/v17n36/v17n36a10.pdf>.

RIBEIRO, W. A., et al. (2018). Adolescência, tabaco, álcool e drogas: uma revisão no olhar preventivo da educação em saúde nas ESFs. **Pró-universUS**, 09, 02-06. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452008000300024&script=sci...tlng em 18/09/2018](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452008000300024&script=sci...tlng em 18/09/2018).

SENGIK, A.S., SCORTEGANA, S. A. (2000). Consumo de drogas psicoativas em adolescentes escolares. **PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 9, n. 1, p. 73-80. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v9n1/v9n1a09.pdf>.

SCHENKER, M., MINAYO, M. C. S. (2004). A implicação da família no uso abusivo de drogas uma revisão crítica. **Ciência e Saúde Coletiva**, 299-306. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-1232003000100022&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-1232003000100022&script=sci_abstract&tlng=pt)

SOLDERA, M. C., et al. (2004). Uso de drogas psicotrópicas por estudantes : prevalência e fatores sociais associados. **Revista de Saúde Pública**, 38 (2), 277-283.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **World drug report 2016**. Geneva: unodc, 2016. Retrieved from: <https://www.unodc.org/wdr2016/>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. (2002). **The worldhealth report 2002: reducing risks, promoting healthy life**. Geneva: World Health Organization.